

## ENTREVISTA

**Pessoas idosas em Moçambique: com a palavra, Teresinha da Silva**

*Elderly women in Mozambique: with the word, Teresinha da Silva*

Divina de Fátima dos Santos<sup>1</sup>  
Flamínia Manzano Moreira Lodovici

**RESUMO:** Nesta entrevista em Maputo, Moçambique, Teresinha da Silva reflete sobre a problemática das pessoas idosas naquela região africana, além de relatar sobre sua prática e atuação profissional, ambas ligadas aos Direitos Humanos. Aborda também aspectos de sua vida pessoal, destacando a necessidade de maior respeito não apenas às pessoas idosas, mas entre todos os seres humanos, independentemente de idade, gênero, etnia e religião.

**Palavras-chave:** Direitos Humanos; Terceira Idade; Idoso.

**ABSTRACT:** *In this interview Teresinha da Silva reflects on her practice and professional activities related to human rights issues and on the elderly in Mozambique. It also discusses a bit about his life and about the need for greater respect between human beings regardless of age, gender, ethnicity and religion.*

**Keywords:** *Human Rights; Seniors; Elderly.*

Ter a oportunidade de entrevistar, de viva voz, Teresinha da Silva foi uma grata surpresa, pois embora seja ela uma mulher de grande reconhecimento na área da Gerontologia internacional, e especialmente em Moçambique, recebeu-nos com muita simplicidade, revelando-se acolhedora às nossas perguntas e esbanjando simpatia. Mesmo sendo uma pessoa

---

<sup>1</sup> Foi a viagem de Divina a Moçambique que proporcionou este *tetê-à-tête* fecundo com a 'guerreira' Teresinha da Silva. A ambas, o agradecimento desta Editoria.

bastante ocupada e com agenda lotada, acolheu-nos no escritório e depois em casa, mostrando-nos um pouco de sua vida cotidiana, que no presente se volta para preocupações em particular com a da mulher idosa que lhe é próxima, a moçambicana. Revelou-nos também histórias de suas origens e nos mostrou a coleção particular de objetos da cultura africana, o que testemunha seu apego à vasta paisagem local, o sentimento de uma espécie de unidade-diversidade dirigida ao conjunto de produções de seus artistas. Nesta entrevista, pudemos depreender como ela é sensível aos dramas humanos, coletivos ou privados; tivemos, pois, a oportunidade de conhecer uma verdadeira guerreira no sentido mais apropriado da palavra.

Ela é profissional de grande referência em toda a África Austral, tanto em Moçambique quanto na comunidade internacional acerca de assuntos ligados aos Direitos Humanos, ao envelhecimento e à defesa de direitos de gênero. Teresinha dá voz a minorias excluídas e luta pelo respeito ao próximo, sendo reconhecida em vários países pelo seu trabalho. Participou de alguns encontros no Brasil, em congressos oficiais a convite da assessoria da Presidência da República. Segundo ela, nosso país é em grande parte muito similar a sua África e que um tem muito a aprender com o outro, tanto em matéria de desenvolvimento do país como em relação aos problemas que dizem respeito aos Direitos Humanos. Teresinha dispõe de inúmeras publicações e artigos acadêmicos em revistas científicas, inclusive na *Kairós Gerontologia*, 14(1), sob o título “Violência contra a pessoa idosa: do invisível ao visível” em que traz à luz algumas questões muito complicadas da sociedade moçambicana e no volume 14(4), relativo a setembro/2011, com o título “Vovós feiticeiras: Algumas reflexões sobre tristes relatos de idosas moçambicanas”<sup>2</sup>.

Teresinha é a atual coordenadora da WLSA em Moçambique (Mulheres e Leis na África Austral), uma ONG regional de trabalho sobre Direitos Humanos de Mulheres. É Mestra em Política Social e Planejamento, pela London School of Economics and Political Science do Reino Unido. Em 2000 foi convidada para trabalhar com Direitos Humanos na Universidade de Harvard, local em que iniciou seus estudos ligados aos Direitos Humanos das pessoas Idosas. Desde 1995, é consultora e instrutora nas questões de gênero, prestando assessoria ao Ministério da Ação de Saúde Social de Moçambique. Apresenta vasta experiência em planejamento de ensino e de gestão, inclusive na elaboração de currículos para o desenvolvimento nacional. Pesquisadora social desde 1978, ela atua nas áreas relacionadas às políticas públicas, de gênero e de desenvolvimento, integridade do sistema judiciário e do trabalho não remunerado, e

---

<sup>2</sup> Em parceria com Mercedes Sayagues e Salane Muchanga.

envelhecimento em Moçambique, na África. Trabalhou com diferentes profissionais, ativistas e acadêmicos nas questões sobre políticas públicas para a terceira idade junto à OMS (Organização Mundial de Saúde), em Genebra.

Teresinha da Silva tem 66 anos. Nasceu em 14 de outubro de 1946, na cidade de Beira em Moçambique e é filha de imigrantes que, em 1912, vieram da colônia portuguesa de Goa, na Índia, e se estabeleceram nesse país africano; sua base religiosa é o catolicismo. Nasceu e cresceu numa família extensa, tendo onze irmãos que hoje vivem em diferentes regiões da Índia, em Portugal e em Moçambique. Sua comunicação com os familiares é facilitada pela tecnologia e ela faz muito uso da internet. Acha-se privilegiada, pois ao longo de sua vida pôde fazer algumas escolhas e afirma ser apaixonada pela vida e pelo que faz. A seguir, o diálogo durante nossos encontros em Moçambique:

1  
*Kairós Gerontologia (K.G.) — Como é a situação do idoso em um país ainda pobre, rural e jovem como Moçambique?*

Teresinha da Silva (T.da S.) — A África foi e é conhecida como uma região de grande solidariedade entre os membros de uma família e entre as comunidades. Nestas comunidades se vê que a pessoa idosa tem um papel muito importante e que é chamada de “biblioteca”: ela é sempre consultada tanto para cerimônias como para resolver problemas dentro de uma família. No entanto, diante das pesquisas de agora e das investidas que estamos fazendo para mais de perto conhecermos o que está ocorrendo nas famílias, vemos que essa situação parece estar mudando. Muitos jovens migram para a cidade, porque querem tomar conta da própria vida; apenas os idosos permanecem nas comunidades, trabalhando com agricultura, carpintaria, até o fim da vida, porque não têm como pensar em parar de trabalhar. A primeira coisa que eu queria dizer é que esta ideia, este princípio, este valor, esta crença, já está muito modificada por causa da globalização e, também por conta da crise financeira dos últimos anos. Muitas minas na África da Sul fecharam e as pessoas que ficaram desempregadas foram para a cidade. Antes, estes jovens mandavam dinheiro para suas famílias. Outros perderam seus empregos porque estavam contaminados pelo vírus do HIV/SIDA e muitos morreram. Existem ainda os casos em que as crianças da primeira geração (netos) são cuidados pelos da terceira geração (avós) porque seus pais, na faixa dos 25 aos 45 anos, morreram devido à infecção do HIV/SIDA. Muitos avós não têm condições financeiras para tomar conta de seus netos; por isso há programas sociais para pessoas idosas e o governo procura dar algumas condições de apoio aos idosos, no sentido de

terem uma casa e algum mecanismo para serem acolhidos. A Ong HelpAge<sup>3</sup>, por exemplo, apoia este trabalho. Eu posso te dizer que este é um país jovem, com uma situação complexa. Não é só a pobreza em si o problema, é o jovem, que sonha e almeja uma vida melhor para si. Então, nesse ponto, quero dizer que a pessoa idosa trabalha até o fim da vida e na maior parte do tempo, muitas vezes, sem apoio dos filhos.

2

*K.G. — Como a situação da mulher idosa se diferencia da situação do homem idoso em Moçambique, de modo geral e particularmente na questão da violência?*

T.da S. — A mulher idosa é aquela que sofre muito mais do que o homem, porque é ela que tem que fazer tudo em casa: cozinhar, plantar, buscar a água e a lenha. Essa é a razão pela qual a mulher sofre um pouco mais, como eu disse no artigo citado da revista *Kairós Gerontologia*. A mulher idosa é vítima de violência em geral com maior frequência que o homem idoso. Em primeiro lugar, porque geralmente o marido morre primeiro; dessa forma, ela fica sozinha, os filhos não ficam com ela. Em segundo lugar, porque geralmente é ela quem trata da saúde dos outros membros da família. Então, no passado, ela era fonte de opiniões e de orientações. Agora isso está se modificando e, quando existe alguma morte na família, muitas vezes ela é acusada por ser culpada, por ser uma “feiticeira”. Outro ponto é que ela carrega todo o peso de conseguir os mecanismos de sobrevivência. Ela tem que vender produtos no mercado informal para conseguir dinheiro. Mas há também famílias que têm dinheiro e que podem contratar um empregado doméstico para cuidar da casa e do idoso, mas que preferem deixá-los em fundações religiosas (casas de repouso) para que não “deem” mais trabalho. A família de classe alta paga um bom dinheiro para isso e deixa o velho lá. Isso ocorre também no Brasil e em Portugal. Nos últimos anos, verificamos vários casos de mulheres idosas que foram violadas sexualmente por membros da própria família. Além da violência física e psicológica, temos também a violência patrimonial, em que pessoas idosas que possuem terrenos com casas e plantações, ao serem acusadas de feitiçarias, são expulsas de suas casas pelos próprios herdeiros que ficam com os bens dos mais velhos.

---

<sup>3</sup> Referência à Ong HelpAge Internacional em Moçambique: <http://www.helpage.org/> e [http://www.ipc-undp.org/doc\\_africa\\_brazil/Report-Helpage.pdf](http://www.ipc-undp.org/doc_africa_brazil/Report-Helpage.pdf)

3

*K.G. — Mas por qual motivo são chamadas de feiticeiras?*

T.da S. — Isso ocorre por causa das dificuldades do resto da família. Quando o homem fica sem emprego, tem que achar um bode expiatório que é a mulher idosa, pois ela não tem condições financeiras, não tem forças para se defender e não consegue também provar que é inocente. Ela é acusada de feitiçaria porque o filho morreu. Até mesmo quando há casos de feitiçaria e mortes de pessoas idosas, os tribunais não avaliam esses casos, pois têm medo de julgar os assassinos. Há uma questão espiritual, uma crença: mesmo sendo pessoas mais esclarecidas, muitos ainda acreditam em feitiço. Por outro lado, quando os filhos morrem devido ao HIV/SIDA, as pessoas idosas fazem de tudo por todos os seus netos. Existem organizações que trabalham diretamente com as pessoas idosas. Existe também o trabalho do “vizinho amigo do idoso”. Trata-se de grupos de pessoas idosas que se apoiam e se ajudam umas às outras, ou seja, um vizinho idoso cuida de outro vizinho idoso.

4.

*K.G. — Quando falamos em África, muitas vezes pensamos em um todo uniforme, quando na verdade existe uma miríade de diferentes tradições, culturas e etnias, convivendo no continente todo e dentro de cada país africano. Você poderia descrever de modo panorâmico como toda esta diversidade afeta as condições de vida especificamente dos idosos na África em geral?*

T.da S. — Há muitas Áfricas dentro da África. O Norte da África é completamente diferente do Sul da África. As imigrações também se diferenciam bastante. A colonização portuguesa é diferente da inglesa que, por sua vez, é completamente diferente da alemã. Por exemplo, mesmo dentro da mesma colonização portuguesa, nós, em Moçambique, sentimo-nos diferentes dos angolanos. Sentimos que às vezes estamos mais perto culturalmente do Zimbábue do que de Angola. É interessante porque tivemos aqui as guerras. Há todo um conjunto de circunstâncias e fenômenos que levam as pessoas, a sociedade, o país e os cidadãos a ficarem mais ligados aqui ou acolá. Vivemos dentro dos nossos países com grupos étnicos diferentes. Cada província é diferente: embora tenhamos a mesma pátria, somos diferentes. Nossas culturas e nossas tradições são diferentes.

Moçambique tem essa particularidade de ser um país multinacional, de várias raças, várias culturas, várias miscigenações. Há também a questão da religião. Somos um país com várias religiões. A mais predominante é a católica com mais de 60%, mas temos a religião

mulçumana que ocorre em toda a costa do país, e há também os animistas. Portanto, trata-se de uma diversidade muito grande de culturas, de crenças religiosas, de crenças tradicionais etc.

5.

*K.G. — No meio de tudo isso, como toda essa diversidade religiosa afeta a pessoa idosa na África e em particular em Moçambique?*

T.da S. — Em minha opinião, ela pode ajudar e pode também afetar negativamente. Pode ajudar, por exemplo, nas religiões que costumam dar maior atenção às pessoas idosas. As católicas, em geral, mantêm programas de apoio aos idosos de suas comunidades em suas dioceses e fazem visitas às casas: há uma maior solidariedade. Mas também nas áreas onde a religião não é tão forte, a atenção aos idosos pode ser afetada negativamente. Eu acho também que existe influência na forma como a família é educada desde criança quanto ao respeito dado de um para o outro. É a África com várias Áfricas dentro de si. Dentro do país há muitas tradições. Há uma grande diferenciação da forma como as pessoas são socializadas, como as pessoas se identificam umas com as outras, como ocorre a própria identidade em relação ao envelhecimento.

6

*K.G. — Hoje em Moçambique há os órfãos do HIV/SIDA, assim como, nos anos 90, existiam os órfãos da guerra civil e, no anos 70, os órfãos da guerra pela independência? Quais as particularidades de cada um dos casos e como acontece e aconteceu a relação entre avós e netos?*

T.da S. — Na época dos órfãos da independência, nós embarcávamos para o regime socialista. Então, ali o apoio era muito grande aos órfãos. Existiam infantários que eram do governo e havia uma porcentagem de fundo do orçamento do Estado para esses meninos. Como eram órfãos da luta pela independência, havia uma auréola de deveres do Estado e de direitos para com as crianças cujos pais morreram lutando pela independência. Existiam muitos benefícios em relação à escola, em relação aos cuidados e em relação à saúde. Então, quando fui a Cabo Delgado, logo após a independência, para trabalhar, nossa responsabilidade era muito grande para com esses infantários e para com o centro de deficientes, que adquiriram esta condição por causa da guerra. Então, havia um orçamento do Estado para estes dois casos. Depois da independência, nós tivemos um grande apoio dos países socialistas e dos países da Europa, cujos técnicos vinham aqui para trabalhar, por ativismo, pelo crescimento de Moçambique. Então existiam muitas ações sociais, envolvendo pessoas que vinham para ajudar, e o apoio ao país foi de grande valia.

A guerra civil foi caótica. Nós evitamos falar guerra civil, porque não foi bem guerra civil, foi uma guerra apoiada contra Moçambique, apoiada pelo regime sul-africano do Apartheid, a “Guerra dos 16 anos”. Nessa época, já tínhamos grandes problemas econômicos, estávamos na lista negra dos Estados Unidos. Já tínhamos saído do socialismo, estávamos numa democracia e tínhamos problema com o Fundo Monetário Internacional. Então, essa atenção especial aos órgãos da Guerra dos 16 anos foi muito difícil e muito diferente. Existiam algumas escolinhas comunitárias para crianças pequeninas brincarem que eram criadas em cada bairro. Havia programas especiais para a formação de animadores comunitários. Era a forma como envolvíamos as crianças órfãs daquele tempo.

Já num outro contexto, dos órfãos do HIV/SIDA, os números são maiores. Estes já contam com a ajuda das Nações Unidas. Há muitas organizações que estão apoiando os pacientes e os órfãos do HIV/SIDA. Estes não estão nos grandes centros urbanos, estão nas aldeias. Alguns são chefes de famílias, e há um grande apoio do governo, principalmente da sociedade civil e ajuda internacional para apoiar estes órfãos na questão da escola, na questão da moradia, na questão de poderem ajudar a si próprios. Existe um programa de apoio às pessoas idosas que cuidam das crianças com HIV/SIDA que é estimulado pela Primeira Dama. Mas o número de órfãos é tão grande que não se pode cobrir tudo. O que acontece com os órfãos do HIV/SIDA é que temos todo um conjunto de situações econômicas que aparecem, como por exemplo, casos de crianças que não têm registro. Então, oficialmente a criança não existe. Não temos o hábito de fazer nosso registro de herança, de fazer nosso testamento, de registrar uma casa. A UNICEF queria criar um programa para que os pais pudessem fazer um testemunho a quem desejassem deixar a casa e, como a casa não está em nome dos pais, muitos tios tiram a casa da criança, afirmando que vão cuidar dela. Mas na verdade querem apenas a casa e a criança fica sem nada. Ainda não temos aprovada a nova Lei de Instituição de Herança, em que está incluída uma proposta para esses órfãos, a qual afirma que, mesmo quando os pais não tenham feito o registro da casa, as crianças têm o direito de ficar e morar na casa.

7

*K.G. — Moçambique é um país ainda rural e com tradições orais. Como o ato de contar histórias e lendas (que passam de geração para geração) por parte dos avós para os seus netos e para as crianças em geral é visto hoje pela sociedade moçambicana? Isto ainda acontece? Como esta tradição oral ancestral se choca com a modernidade e o avanço da tecnologia?*

T.da S. — Existe a organização moçambicana dos reformados (aposentados) que com apoio financeiro, fez livrinhos a partir de histórias orais contadas por avós e, com isso, essas histórias puderam ser recontadas. Infelizmente, nem sempre foi possível passar para o papel das histórias orais. Durante a luta pela independência, existiam as práticas de alguns antigos combatentes da luta armada, que iam às escolas para contar as histórias da guerra para as crianças que faziam perguntas aos combatentes. Mas, hoje, isso não acontece mais. As editoras entrevistam as pessoas idosas e os combatentes, e publicam os livros; assim, a prática de contar histórias ficou para trás e para saber é necessário ler os livros. Com a modernidade e com a televisão, foi se perdendo esse costume, por que as crianças querem ver seus programas mesmo dentro de casa, e já não há tantos diálogos nas famílias, nem com os avós. Hoje as pessoas ficam o tempo todo fora de casa, para trabalhar ou estudar; então, não têm tempo e quando estão em casa querem descansar, ver televisão e há pouco diálogo. Mas acredito que, em algumas aldeias e comunidades rurais, ainda exista o hábito de contar histórias.

8

*K.G. — Moçambique é um país de grande extensão e com infraestrutura ainda precária. Há a tradição de troca de cartas entre amigos e parentes (por exemplo, entre jovens e pessoas idosas) que se localizam em diferentes pontos do país? Como a questão do analfabetismo e mesmo o avanço da internet afetam estas trocas de correspondências, sobretudo em relação aos idosos?*

T.da S. — Olha, os correios aqui em Moçambique funcionam, mas as pessoas já perderam o hábito de escrever cartas. Mandam e-mails. Os idosos se querem, escrevem as cartas, depois pedem aos jovens que vão a locais que têm internet e, lá, escrevem a carta e mandam por e-mail. Aqui em Moçambique temos, em várias comunidades, centros de informática e muitas pessoas idosas, muitas vezes, vão até esses locais e pedem aos funcionários para ajudá-las a escrever e enviar suas cartas. Essa pergunta me faz rir porque eu sou uma pessoa que desde meus 10 anos tenho costume de enviar cartão de Natal. Escrevo a mão e mando a todos meus amigos do mundo. As pessoas me dizem, para colocar no Facebook, mandar por e-mail. Eu me recuso! Não vou colocar a mesma carta a todos. Eu gasto muito dinheiro, mas faço questão de escrever a carta e pô-la no correio. Este ano aconteceu algo interessante, pois eu mandei uns 300 cartões de Natal e não recebi nenhum, me mandaram todos pela internet. Mas eu vou continuar a enviar minhas cartas; a internet é muito impessoal. Não recebi nenhum cartão, nem da minha família! Acho que essa é uma prática que vai deixar de existir.

9

*K.G. — Como ocorre, em geral, o atendimento à saúde do idoso em Moçambique, e como é o sistema de aposentadorias (segurança provida pelo Estado), e o suporte familiar aos idosos? Complementando, como é definida a família na sociedade moçambicana? Imagino que exista aí, tal como no Brasil, a família rica e a pobre. As interrelações entre familiares pobres e ricos são diferentes de como ocorre no Brasil? O que os filhos e netos fazem quando têm um idoso em casa? E se for ele muito, muito idoso, a coisa muda de figura?*

T.da S. — Agora, faço parte de uma organização que atua junto ao governo e que trabalha com o serviço do idoso; eu represento esta organização na Comissão Nacional para a Terceira Idade. Estamos planejando um programa que vai defender principalmente a questão da saúde, do esporte, da aposentadoria e de uma cesta básica para a pessoa idosa. À questão da cesta básica, nós chamamos de proteção social. Isso porque há uma lei de proteção social. O número de idosos que estão inseridos nessa proteção social básica ainda é pequeno, mas já é alguma coisa e, é até (...), há mais idosos beneficiados que crianças, em termos proporcionais. Existe por parte do governo uma preocupação de dar US\$ 20 (dólares norte-americanos) às pessoas idosas. Mas o atendimento à saúde, infelizmente em Moçambique, é deficitário. Nós temos um único médico geriatra e um único gerontólogo especializado no país todo. Quando eu estava na OMS (Organização Mundial de Saúde), havia bolsas de estudo para os médicos se aperfeiçoarem numa escola de especialização de gerontólogos e geriatras em Malta. Mas como é um trabalho que não dá dinheiro, ninguém quis concorrer.

Hoje, posso dizer que existe muita gente, que não é pobre, que está ficando idosa, e sente que está se tornando um peso à família, e não tem para onde ir. Dou um exemplo da minha pessoa. Hoje tenho 66 anos, sou solteira, não tive filhos e, um dia, ficarei incapaz. Existem aqui alguns centros para pessoas idosas pobres que oferecem o básico e há também alguns para pessoas ricas. Mas as pessoas de classe média, que têm um salário razoável apenas, terão que ficar sob os cuidados dos filhos, se é que os filhos vão querer ficar com eles. Não existem centros para essas pessoas. Agora, o suporte familiar aos idosos não se resume ao amparo financeiro, precisa de apoio moral, apoio espiritual, atenção individualizada. Eu conheço famílias que dão esse apoio, mas não são pobres. Aqui, as famílias moçambicanas em sua maioria são famílias extensas, com pais, netos e avós morando juntos, mas a tendência é que caminhem para a família nuclear. Nas áreas rurais, por serem famílias extensas, é normal que o apoio seja maior que na cidade, até porque estão todos juntos. Acredito que essa relação seja a mesma que no

Brasil. Quando há idosos na casa de famílias que não são pobres, elas “carregam o peso da pessoa idosa que já não tem saúde”, não vão abandoná-las no hospital, mas em casa vão cuidar dela como muito sacrifício, como um fardo. Mas penso que isso depende muito da educação, de como é articulada a questão dos direitos humanos, de como as pessoas respeitam umas às outras.

10.

*K.G. — Você poderia se aprofundar sobre a questão da violência contra os idosos em Moçambique e, se possível, atualizar um pouco os dados que foram apresentados em seu artigo sobre este tema na revista Kairós Gerontologia<sup>4</sup>? Nosso interesse é mais sobre a violência contra os idosos, sobre as interações familiares, sobre o que acontece entre jovens e adultos diante do idoso em casa.*

T.da S. — Acho que depende da relação econômica financeira e também de como esses jovens e adultos foram educados na questão dos direitos humanos e do respeito mútuo, ou seja, se foram educados para a solidariedade, se viram aquela mãe ou aquela avó se sacrificar tanto por eles e dão valor para isso. O exemplo de casa é básico. Mas tenho casos de amigos que sentem um fardo por terem uma pessoa idosa em casa. Agora, boa parte das famílias não teve uma relação de verdadeira união familiar em suas casas, com todos os problemas que as pessoas tiveram na época colonial, na guerra da independência e na guerra dos dezesseis anos. Os idosos de hoje, muitas vezes sofreram todas as amarguras desse tempo, de quando as famílias não eram coesas. Mas é um bom assunto para se estudar, de como está essa configuração hoje. Na verdade, acredito que precisamos estudar mais essas relações. Eu não tive como atualizar meus dados de pesquisa. Contudo, te digo que a violência sexual contra as mulheres idosas vem crescendo e esse dado tem nos preocupado muito, mas não posso adiantar neste momento muita coisa.

---

<sup>4</sup> Referência a dois artigos publicados na *Revista Kairós Gerontologia*, da PUC-SP, Brasil:

“Violência contra a pessoa idosa: do invisível ao visível”, no volume 14(1): págs. 65-78, relativo a março 2011, disponibilizado em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/6927/5019>, e

“Vovós feiticeiras: Algumas reflexões sobre tristes relatos de idosas moçambicanas”, no volume 14(4): págs. 181-196, relativo a setembro/2011, disponibilizado em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/10058/7488>.

11

*K.G. — Como você entende a situação do idoso em Moçambique (um país ainda considerado de baixo desenvolvimento), comparada com a mesma situação no Brasil (um país de desenvolvimento médio) e em Portugal (um país que envelheceu antes dos países emergentes e se imagina que tenha altos índices de desenvolvimento quanto ao apoio à velhice)?*

T.da S. — Eu acho que, aqui em Moçambique, a pessoa idosa está muito melhor, apesar da pobreza. Vejo todos os dias a RTV de Portugal e vejo muitas situações de idosas abandonadas nesse país europeu. Ainda ontem eu via que duas idosas morreram sozinhas num prédio. Eu acho que isso ainda não ocorre em Moçambique. Se você vê que uma pessoa idosa sai de casa, avisa que ela deve voltar logo. Mas nesse caso das portuguesas, ninguém as viu e quando foram ao apartamento delas, depois de duas semanas, viram que elas estavam mortas. Então, são casos de idosos abandonados. Aqui em Moçambique, ainda não vi pessoas abandonadas dessa maneira. Mas como eu disse, agora existe a tendência à nuclearização das famílias e as coisas estão mudando. Mas eu não conheço muito bem esse assunto.

Eu tenho uma tia em Portugal que está em casa e tem 95 anos. A única filha solteira, que cuida dela, já não aguenta. O irmão quer pô-la numa casa de repouso, porque todos os netos trabalham. Mas procuram e não encontram um local para a mãe que dispense bons cuidados de saúde para a terceira idade, já que ela é cardíaca e requer cuidados. Mas claro que a situação aqui é outra. Aqui temos empregados domésticos, podemos pagar uma mulher ou um homem para cuidar de uma pessoa idosa, podemos ter uma cuidadora e pagar por esse trabalho. Já em Portugal é diferente, já não há cuidadores portugueses, parece-me. Mas há cuidadoras filipinas, brasileiras e tailandesas, mas mesmo assim o custo é alto. Assim sendo, mesmo Moçambique sendo mais pobre, a solidariedade é mais forte por aqui. Hoje ainda tem o problema do desgaste econômico de Portugal e com isso se agrava o abandono no país. Aqui a solidariedade ainda não acabou. O Brasil, eu não conheço muito bem.

12

K.G. — *Como os meios de comunicação lidam com as questões relacionadas aos idosos em Moçambique? Ha influência brasileira sobre isso (como, por exemplo, no caso de novelas brasileiras)? Como essas influências se dão? Você sente que uma nova perspectiva sobre o envelhecimento, a velhice e a pessoa idosa, vem se instalando em Moçambique ou a mentalidade da sociedade (da família, da escola) continua como antes?*

T.da S. — Os meios de comunicação têm um papel muito grande aqui, tanto a TV quanto o jornal impresso. Eles apontam para mudanças de atitude e comportamento. Eles influenciam as mentalidades das pessoas, até seus princípios e seus valores. Quanto às novelas brasileiras, aqui todo mundo gosta de ver. As pessoas pensam e falam com palavras do Brasil. É uma influência enorme! A mídia escrita tem um papel importante no que se refere às pessoas idosas, sobretudo no respeito que se tem para com a pessoa idosa. Durante o ano, há muitos artigos com denúncias que são entregues nos jornais. É claro que as novelas brasileiras influenciam na nossa maneira de ser. Mas, nas novelas brasileiras, não vi nada delas a respeito das pessoas idosas. Aqui em Moçambique, temos os filmes chamados “A herança da viúva” e a “Guerra das águas”, que usamos para dar treinamentos em nossas formações, quando se trabalha com as questões dos idosos. Eles são mais diretamente ligados às questões dos idosos do que as novelas brasileiras.

13

K.G. — *No que você, Teresinha, pensa que o Brasil poderia cooperar ou mesmo ajudar Moçambique na questão do envelhecimento?*

T.da S. — Muito! Primeiro em relação à pesquisa na área do idoso, temos muito pouco e vocês têm muito, na PUC-SP principalmente [onde há um Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Gerontologia<sup>5</sup> e a Revista Kairós Gerontologia<sup>6</sup>]. Agora, as perguntas que você me fez levantaram-me algumas questões. Por exemplo: *Qual é a relação entre a pessoa idosa e o jovem na relação interfamiliar? Qual é a diferença entre zonas urbanas e zonas rurais? Qual a situação social nessas regiões? Como é utilizada a pensão que o idoso recebe do governo?* Há alguns pequenos projetos que foram feitos sobre isso, por exemplo, quanto à questão da sexualidade do idoso. Nós, moçambicanos, pensamos que a pessoa idosa já não tem necessidade de ter relações sexuais. Há algumas idosas que são violadas sexualmente, mas não há pesquisa sobre isso. Temos ainda uma deficiência na formação de médicos na área da Gerontologia e de

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www4.pucsp.br/pos/gerontologia/>

<sup>6</sup> Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/issue/view/697/showToc>

Geriatría. Os médicos precisam especializar-se nesse estudo. Contudo, os médicos que estão aqui, em geral, estão pouco preocupados com essas questões. As necessidades são muito grandes. Assim, o Brasil pode nos ajudar em futuras parcerias sobre os vários tipos de violência que temos por aqui: a psicológica, a física e a econômica.

E vocês, do Brasil, têm conhecimento muito superior ao nosso sobre a questão do envelhecimento e da pessoa idosa. Pude constatar isso, pois já fui três vezes ao Brasil para congressos da pessoa idosa em Brasília. A última vez foi em 2006, mas fui ao Brasil também em 2004 e 2002.

14

*K.G. — Questões morais e de mudança de comportamento estão profundamente ligadas ao tema do envelhecimento. Filas prioritárias para idosos, por exemplo, ainda têm que conquistar o direito de serem respeitadas em Moçambique (um país jovem), enquanto em alguns países europeus com uma grande população idosa, há já até uma discussão sobre a abolição dessas filas (dado o tamanho expressivo da população idosa). Como essas mudanças de comportamento estão ocorrendo em Moçambique?*

T.da S. — Em Moçambique ainda estamos na fase de querer conquistar o lugar e de existirem filas preferenciais para os idosos. Estamos lutando para isso e nos referimos também a esse tema em nosso relatório que fazemos para as instituições governamentais. Há uma estratégia do governo sobre questões referentes às pessoas idosas e no que se refere às filas com prioridade para os idosos; isso passa tanto pelo Ministério da Saúde quanto pelo Ministério dos Transportes. Por exemplo: eu, outro dia, estava esperando numa fila; aí apareceu um homem e perguntou a minha idade, e quando falei, ele me disse que eu tinha prioridade e que deveria ir em frente. Aí fui! Não sabia que tinha prioridade! Por puro desconhecimento, fiquei ali por mais de 2 horas até ser abordada por aquele homem. Outro exemplo: quando fui reconhecer firma, eu estava na fila, mas ela era tão grande, que eu, então, fui perguntar se havia prioridade, e me deixaram passar à frente porque tenho mais de 60 anos!

Existem várias iniciativas de direito e prioridade para o idoso, mas ocorre que muitas pessoas desconhecem seus direitos e não usufruem dessas leis. Outras iniciativas, porém, precisam ser aprimoradas e implantadas. E como fazer valer? Por exemplo, por meio de divulgação em rádios comunitárias e jornais. Trata-se de educação; não vejo os jovens cedendo o lugar por livre vontade, principalmente nos ônibus e existem muitas reclamações a esse respeito

por parte dos idosos. Vejo que são atitudes que precisam ser trabalhadas no setor educacional com relação à postura de respeito ao próximo, seja uma mulher grávida ou um idoso.

15

*K.G. — Como a atual Constituição de Moçambique trata a questão dos idosos? As leis são avançadas? As leis são respeitadas?*

T.da S. — Em Moçambique no que se refere à questão dos direitos humanos, das crianças, das mulheres e dos idosos, temos uma legislação muito avançada, por sinal. Já assinamos todas as convenções internacionais, criamos e ratificamos essas leis. O problema é a grande lacuna entre a criação e a implementação das leis. Outro ponto ocorre em relação ao monitoramento entre a implantação e a questão da punição, no caso de desrespeito à lei.

Aqui existem algumas estratégias de políticas para as pessoas idosas (semelhante ao Estatuto do Idoso do Brasil), propostas pelo governo, mas isso não é lei. Essas estratégias não são vinculativas, quer dizer, se não obedeco a elas, não sou punido. Agora, o que o Ministério da Assistência Social está lutando é para que haja uma lei de proteção à pessoa idosa. Para a elaboração dessa lei, o governo pediu participação voluntária e eu participei na formulação dessas estratégias, mas isso ainda não foi ao parlamento porque não está concluído. Hoje não temos uma lei, o que temos são estratégias políticas muito boas em relação a várias áreas, como habitação, educação, transportes etc. Mas como são estratégias, e não leis, não temos o vínculo ativo de obrigar e punir as pessoas ou empresas.

16

*K.G. — Muitos moçambicanos migram (ou migraram) para a África do Sul em busca de melhores oportunidades de emprego. Como é a situação de seus familiares que continuam vivendo em Moçambique (esposas, crianças, idosos)?*

T.da S. — São famílias que, às vezes, recebem os fundos que os maridos enviam para Moçambique, mas cada uma das esposas também trabalha, geralmente como doméstica. Os migrantes da África do Sul que vão para as minas na maioria são de regiões rurais. Aqueles que vão da cidade, vão para uma migração laboral, temporária, ou seja, vão para a colheita de algum produto e depois voltam; portanto, ficam pouco tempo. Quem fica mais são os mineiros, por 2 ou 5 anos. Estes mandam dinheiro para casa, mas a mulher tem que viver, tem que fazer tudo. Ela é a chefe de família e tem que redobrar os esforços. O dinheiro enviado pelo marido é para

melhorar a casa, o mobiliário. Já o dia a dia é sempre com a mulher que tem que se esforçar para fazer a família sobreviver.

Em geral quando fazemos pesquisas com essas famílias, as mulheres dizem que o chefe da família é o marido, mesmo que seja ela a responsável pela casa. Não se assume como chefe, mas, de fato, ela é a chefe. Em nossas entrevistas, nessas regiões, vimos que 90% das mulheres que estavam lá, tinham seus maridos trabalhando nas minas. Claro que agora passam também por muitos problemas associados ao HIV/SIDA. Esses homens, muitas vezes, voltam para casa com a doença e contaminam as mulheres. Aqui, uma pesquisa recente apontou que apenas 6% do grupo em idade sexualmente ativa usa camisinha. Temos a cultura de ter relação fora do casamento oficial. Há muita promiscuidade nesse sentido. Os maridos têm muitas parceiras temporárias e sempre sem tomar cuidado. Assim sendo, penso que a incidência de HIV/SIDA só vai diminuir se existir uma atitude responsável de mudança de comportamento sexual.

17

*K.G. — Teresinha, poderia nos explicar em mais detalhes como as acusações de feitiçaria afetam as condições de vida dos idosos em Moçambique, particularmente das mulheres idosas? Por que, hoje, acusam-se as pessoas idosas de feitiçaria?*

T.da S. — Primeiro, isso está associado ao problema econômico do desemprego e da pobreza, ao fato de muitas famílias estarem vulneráveis em muitos aspectos. Outro fator está associado aos adultos que precisam ter, mas não querem aceitar, sua responsabilidade em vários aspectos. Existe também o argumento cultural que se firmou para justificar a violência. “É a cultura do local” - afirma-se, para concluir que não é possível fazer nada. O argumento cultural muitas vezes legitima as violações dos direitos humanos. Assim, a pessoa idosa é considerada culpada de tudo o que ocorre, desde a criança que morreu até o desemprego e outras desgraças da família. Em algumas regiões é mais que isso! Às vezes, as pessoas idosas têm uma terra, uma casa, plantações e elas são acusadas e expulsas do local, para suas famílias ficarem com seus bens. Há até casos recentes sobre isso. O problema é que, quando há uma morte, a coisa vai ao tribunal. Quando há questões sobre feitiçaria, é muito difícil provar algo. Então, muitas vezes, fica por isso mesmo. Quem sempre perde é o elo mais fraco que, em geral, é a mulher idosa.

18

*K.G. — Em seu trabalho, Teresinha, vemos que relatou a importância da ação de organizações internacionais. Em sua opinião, como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização*

*das Nações Unidas (ONU) têm tratado as questões associadas ao envelhecimento dos seres humanos, em nosso planeta?*

T.da S. — Acho que a OMS não está dando a atenção devida à pessoa idosa. A visibilidade é pouca, pelo menos aqui em Moçambique. A OMS não faz nenhuma intervenção junto ao Ministério da Saúde sobre essa questão. Aqui existe falta de médico, não existe geriatra nem gerontólogo. Inclusive, não vejo muita preocupação da sociedade em municiar o governo sobre a questão do idoso.

19

*K.G. — Finalizando, o quer mais a orgulha em toda a sua carreira profissional? Por quê?*

T.da S. — O que me orgulha nesses anos todos de trabalho, é que eu trabalho com emoção; eu me entrego a uma causa, vivo aquela causa e luto por ela. Mas a área dos direitos humanos é uma área de grande frustração, porque mexemos com valores, com machismo, com o sistema patriarcal e com as relações de poder, em que o homem é o chefe da família, e os assuntos familiares são considerados assuntos privados. Embora haja lei, a questão do patriarcado ainda é muito forte aqui na África, como em muitos lugares do mundo.

Recebido em 20/12/2011

Aceito em 30/12/2011

---

**Divina de Fátima dos Santos** – Psicóloga. Doutoranda em Psicologia Clínica, na PUC-SP. Mestra em Gerontologia, pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia/PUC-SP. Consultora e Assessora na área do envelhecimento.

E-mail: [divinafs@ig.com.br](mailto:divinafs@ig.com.br)

**Flâmínia Manzano Moreira Lodovici** – Mestra e Doutora em Linguística (IEI-Unicamp). Pesquisadora e Docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia/PUC-SP. Editora Científica da Revista Kairós Gerontologia/FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

E-mail: [flalodo@terra.com.br](mailto:flalodo@terra.com.br) / [flodovici@pucsp.br](mailto:flodovici@pucsp.br)